

Oswaldo Montenegro grava álbum com Vicka

PÁGINA 3



Conheça cinco obras fundamentais de Adélia Prado

PÁGINA 4



Tom Cruise em acerto de contas com o sucesso

PÁGINA 7



2º CADERNO

Rio, a capital mundial da harpa

Durante todo o mês de julho, a cidade recebe mais uma edição do RioHarpFestival

Chegou julho e com ele o som inspirador de um dos instrumentos mais tradicionais da música de todos os tempos. Considerado o maior festival de harpas do mundo, o RioHarpFestival chega à sua décima nona edição neste 2024 e recebe músicos de 20 países em vários espaços do Rio. O evento ampliou suas fronteiras e nos meses seguintes terá versões em São Paulo, Brasília, cidades de sete países europeus (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Croácia, Itália e Austrália) e também no Caribe.

A África será homenageada com a harpista Kobie de Plessis, da África do Sul, na abertura e no encerramento com Vozes da África e as harpas africanas Kora e Kamale N'Goni (do oeste africano de 12 cordas), além de percussão da mesma região.

Com entrada franca, a programação vai da harpa tradicional ao koto japonês e harpas africanas, árabes e indianas, passando por fusões entre músicos de diferentes continentes e crianças e adolescentes das comunidades



Orquestra Camerata do Uerê



Adan Vásquez



Kobie du Plessis



Cristina Braga e Dado Villa-Lobos



Jacques Vandvelde

cariocas, que dividem o palco com harpistas, todos grandes expoentes contemporâneos do instrumento.

“Para o line-up do XIX RioHarpFestival buscamos privilegiar artistas de regiões geográficas onde o instrumento seja destaque, além de incluir também os vários tipos de harpas e repertórios possíveis”, destaca Sergio da Costa e Silva, criador e diretor do projeto.

Ele ressalta que “com isto estamos, colocando o Brasil no circuito mundial do instrumento dando continuidade

às versões do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília além da Europeia e, assim, realizando o maior festival de harpas do mundo em duração e número de concertos

Costa e Silva enfatiza ainda que “o público poderá assistir a apresentações de alto nível, com harpistas de vários países, tocando nos vários tipos de harpas e um repertório bem eclético, uma miscelânea que faz o festival crescer ano a ano no Brasil, sempre para plateias cada vez maiores”. **Continua na página seguinte**

Fotos/Divulgação

Som que vem da Antiguidade



Juan Riveros



Baltazar Juarez



Patrice Fisher



Walter d' Arpa



Lenda Celta

A HARPA – Um dos mais antigos instrumentos de corda dedilhada, a harpa tem sua origem relacionada ao tanger da corda dos arcos dos antigos caçadores. Algumas ilustrações destacam a presença das harpas no Oriente Médio e Egito, por volta do ano 3.000 a.C. De formato triangular, todas as suas cordas estendem-se perpendicularmente em relação à base de seu corpo.

As primeiras harpas eram pequenas, com poucas cordas. A partir do século XVIII, passaram a ser construídas em madeira, com as cordas variando entre materiais como tripa, crina de cavalo, latão, bronze ou seda. Com o passar dos anos tornaram-se maiores, com mais cordas e, conseqüentemente, mais notas. A imagem do Rei David tocando o instrumento é emblemática e a harpa é também o símbolo da Irlanda.

A harpa moderna possui 47 cordas, com as 11 mais graves feitas de metal e as demais de tripa, além de 7 pedais. Atualmente, a harpa também é um dos instrumentos que compõem a orquestra, sendo normalmente posicionada entre a percussão e os instrumentos de teclado.

Divulgação

A PROGRAMAÇÃO DA SEMANA*

1 de julho, segunda-feira

Igreja N.Sa. do Carmo (Rua 1º de Março s/nº)

13h: Camerata do Uerê part. especial Kobie de Plessis - harpa (África do Sul)

2 de julho, terça-feira

15h: recital de Kobie du Plessis no Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco 241 - Centro)

18h: Orquestra de Teresópolis, com participação especial de Kobie du Plessis, no Espaço Cultural Arte Sesc (Rua Marques de Abrantes, 99 - Flamengo)

3 de julho, quarta-feira

12h30: Prem Ramam & friends - Índia- Santoor persa, Citara, Ngoni (mini harpa africana) - Música indiana. CCBB (Rua 1º de Março, 66 - 4º andar)

18hs: recital Kobie du Plessis no Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco 241 - Centro)

4 de julho, quinta-feira

Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241)

15h: Shiva Gita (Índia) - Cláudio Gama (harmonium), Mario Moura (sitar). Jaffer Swamani (parkhawaj e tabla)

18h: Jésus Suarez, harpa venezuelana (Venezuela)

5 de julho, sexta-feira

Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241)

15h: Prem Ramam & friends - Índia- Santoor persa, Citara, Ngoni (mini harpa africana).

18h: recital de Ádan Vasquez (República Dominicana).

6 de julho, sábado

Palácio São Clemente - Consulado de Portugal (Rua São Clemente, 424 -Botafogo)

18h: Ádan Vasquez (harpa), Marcos Krieger (percussão), Waldemar Reis (piano) e Orquestra Juvenil Jovem com regência do maestro Carlos Sarria.

7 de julho, domingo

Museu da República (Rua do Catete, 153)

13h: Al Nur Kibir – Ruda Brauns (alaúde), Alexandre Bittencourt (sopros), Jafer Swamani (derbakke) -Música Árabe.

15h: Ádan Vasquez (harpa), Marcos Krieger (percussão), Waldemar Reis (piano) e Orquestra Juvenil Jovem com regência do maestro Carlos Sarria.

***A programação completa também está nos sites e www.musicanomuseu.com.br e www.rioharppfestival.com.br.**

A escolhida do Menestrel

Paranaense Vicka vence disputa para gravar álbum com Oswaldo Montenegro, que comemora, neste 2024, 50 anos de carreira

Nome marcante da música popular brasileira, Oswaldo Montenegro completa neste 2024 50 anos de uma carreira memorável e está envolvido num projeto para comemorar o marco, que envolve uma turnê comemorativa e o lançamento de um álbum especial. Para este último projeto, que envolve três etapas, a escolhida foi a cutibana Vicka, que lança, ao lado do Menestrel, um álbum, produzido em conjunto e que conta com releituras de faixas clássicas da carreira dele e com os doces vocais da jovem cantora. O projeto acaba de chegar nos apps de música e Youtube.

Vicka foi selecionada, entre

milhares de músicos e artistas, no projeto Junto com Montenegro, para gravar um álbum ao lado dele e clipes, que já estão disponíveis no YouTube, com oito faixas no total, entre vocais de Oswaldo e Vicka, com suaves melodias acústicas de violões.

Para chegar até aqui, Vicka enfrentou um julgamento criterioso para ser selecionada e ter a honraria de dividir um álbum com Montenegro. O júri da iniciativa foi formado pelo documentarista Paulo Henrique Fontenelle, pelo premiado produtor musical Alexandre Meu Rei e também por Ian Ruas, músico e cineasta, além da empresária artística Kamila Pistori. No final, a paranaense foi escolhida.



Em tom intimista, Oswaldo Montenegro e Vicka cantam antigos sucessos do compositor e algumas de suas novas criações

O conceito do álbum é usar e abusar da simplicidade, trazendo uma atmosfera entre dois amigos e com a interpretação das composições do Menestrel e evocando uma bela química entre os dois. Vicka revela com emoção como foi encontrar e ter a oportunidade de fazer parte dos 50 anos de carreira de Oswaldo.

“Conhecê-lo superou todas as minhas expectativas, ele e sua equipe me deixaram super à vontade para colocar minha personalidade na maneira de tocar e cantar. Foram dias muito leves de ensaios, gravações, conversas e risadas até definirmos o repertório e o conceito do álbum. É inspiradora a maneira que ele coloca paixão em todos os

seus projetos, o cuidado artístico que tem com cada um deles e seu entusiasmo em continuar criando e se reinventando a cada ano que passa. Sua equipe é como uma grande família, e poder vivenciar alguns momentos nesse ambiente de muito respeito e carinho me emocionou muito”, contou a jovem artista, de 27 anos.

Sarah Abdala expõe afetos com visceralidade

Cantautora goiana prepara o álbum ‘Ainda Vou Fazer Uma Canção de Amor’

Após viajar pelo passado e suas raízes em projetos anteriores, a cantora e compositora goiana Sarah Abdala se mostra por inteiro na coragem de amar sem medo ou vergonha. O afeto sempre fez parte da trajetória da artista, mas provavelmente nunca de modo tão aberto e vulnerável como no álbum “Ainda Vou Fazer uma Canção de Amor”, seu próximo trabalho autoral, previsto para o próximo ano com faixas focadas no amor entre

mulheres e que marcam uma nova fase na carreira da artista.

Sarah já se destacou em reconhecidos festivais independentes, como Bananada, Vaca Amarela e RockIt!, além de ter vencido do talent show Geleia do Rock no canal Multishow, com sua banda na época, a Theremim.

Além de sua trajetória como cantautora, Sarah é uma requisitada técnica de gravação, que já trabalhou em projetos de Caetano

Guga Millet/Divulgação



Sarah alterna a carreira musical com a de técnica de gravação

Veloso e Adriana Calcanhotto, tendo recebido reconhecimento do Grammy Latino 2020 na categoria “Engenheira de Gravação”

pelo álbum “Little Electric Chicken Heart” de Ana Frango Elétrico.

Seu primeiro álbum solo, “Futuro Imaginário”, contou com a produção de Estevão Casé e Marcelo Callado, além das participações de Dado Villa-Lobos e Chico Chico. A estreia trouxe uma sonoridade que mistura MPB e rock alternativo, com arranjos elaborados para composições acumuladas ao longo dos anos e que marcaram a vitória da artista no programa de TV.

Seu segundo álbum, “Oeste”, foi produzido em parceria com Eduardo Manso e lançado pelo selo RockIt, ganhando reconhecimento tanto nacional quanto internacional, sendo considerado um dos melhores álbuns de 2017. O trabalho buscava trazer sonoridades e histórias de sua vida em Goiás e de seus antepassados no Oriente Médio misturadas com indie rock.

Em 2020, lançou “Pueblo”, uma aproximação das raízes comuns que temos na América Latina. Se em álbuns anteriores, Sarah decidiu fazer as malas pelo país e continente e até escala no Líbano de seus antepassados, agora quer explorar a simplicidade e o poder das canções de amor. Seu quarto registro de estúdio mostrará um olhar mais íntimo e, ao mesmo tempo, universal para sua arte.

“Ainda Vou Fazer Uma Canção de Amor” é fruto da colaboração entre Sarah e a artista mexicana Marian Ruzzi, que tem um histórico de trabalho com cantautoras como Natalia Lafourcade, Julieta Venegas e Ximena Sariñana. O álbum também conta com a participação de músicos de destaque na cena musical nacional, como Jaques Morelenbaum, Tai Fonseca, Marcelo Callado, Rogério Sobreira, Marcelo Jeneci e Gui Schwab.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

A Record detém os direitos da animação até 2026

Record 'demite' Pica-Pau e tira animação de sua programação

Os saudosistas estão tristes e as novas gerações também. A Record decidiu tirar do ar o desenho animado Pica-Pau, a animação mais antiga em exibição na TV brasileira. O pássaro biruta perdeu o horário que tinha nas manhãs de domingo na emissora de Edir Macedo.

Então exibido entre 10h30 e 11h15 saiu do ar no último domingo (30). A faixa de desenhos baseados na bíblia passa a ficar no ar das 9h às 10h30, cerca de trinta minutos a mais do que antes.

A Record ainda tem licença para exibir Pica-Pau até meados de 2026. O contrato foi renovado no início do ano com a Universal Pictures, dona dos direitos do pássaro mais maluco da televisão.

Protagonista

Taís Araujo vai enfrentar um dos maiores desafios desde que foi contratada pela Globo em 1997. A atriz aceitou oficialmente o convite para ser a protagonista do remake de "Vale Tudo", que a emissora aposta como sua grande atração para 2025.

Deu ruim

Participantes do BBB 24 que reclamaram publicamente do contrato comercial da Globo não conseguiram grandes avanços com o mercado sem a ajuda da empresa. Poucos conseguiram sucesso ou atrair marcas interessadas.

Fechamento

O Beto Carrero World anunciou o encerramento das atividades de seu zoológico, depois de 32 anos. O parque temático de Penha (SC), que chegou a ter mais de mil animais de 237 espécies, abrigava atualmente apenas girafas e um elefante.

Derrame

Dois dias após ser demitida da vinícola Cepa 21, de Valladolid (Espanha), uma mulher sabotou os produtos do local, causando um prejuízo de mais de 2,5 milhões de euros. Ela abriu propositalmente cinco barris e derramou 60 mil litros de vinho tinto.



Adélia Prado: 'Quero dividir minha alegria com todos os amantes da língua portuguesa, esta fonte poderosa de criação'

Para conhecer Adélia Prado

Veja cinco livros essenciais da obra da autora vencedora dos Prêmios Camões e Machado de Assis

A poeta Adélia Prado, uma das maiores em atividade no Brasil, foi agraciada na última semana com os prêmios Machado de Assis e Camões. O primeiro é a principal premiação da Academia Brasileira de Letras; e o segundo é o reconhecimento máximo entre os escritores de língua portuguesa.

"Foi com muita alegria e emoção que recebi um telefonema da senhora Dalila Rodrigues, ministra da Cultura de Portugal, me informando que fui agraciada com o Prêmio Camões. Estava ainda comemorando o recebimento do Prêmio Machado de Assis e agora estou duplamente em festa. Quero dividir minha alegria com todos os amantes da língua portuguesa, esta fonte poderosa de criação", disse a autora mineira, de 88 anos.

Nascida em Divinópolis, Adélia leva na bagagem, além de poetisa, os ofícios de professora, filósofa,

romancista e contista. Os primeiros poemas foram publicados em jornais da cidade natal e Belo Horizonte.

Os troféus vieram às vésperas de seu próximo lançamento, "Jardim das Oliveiras", que marca seu retorno à literatura depois de mais de dez anos que ela cehegou a classificar como um "deserto criativo".

Confira abaixo uma seleção de obras, em poesia e prosa, que marcaram a carreira da escritora mineira.

BAGAGEM (1976)

O primeiro livro de Adélia Prado foi lido com empolgação por Carlos Drummond de Andrade. Os poemas reunidos nesta obra abordam temas variados como o amor carnal e divino, as cores e dores da vida e o fazer poético. Mas, apesar da diversidade temática, os textos formam uma unidade, marcados pelo estilo inconfundível da autora.

O CORAÇÃO DISPARADO (1978)

O livro vencedor do Prêmio Jabuti se entranha ainda mais na religiosidade, tema que depois se tornou marca de sua obra. Através de poemas míticos, a autora compartilha sua experiência religiosa a partir de vivências de natureza comum.

A FACA NO PEITO (1988)

Este livro é centrado na figura de Jonathan, um personagem que representa Deus, o sexo masculino e a crença religiosa. Jonathan, para a autora, representa a fuga e a eterna busca por realização.

O HOMEM DA MÃO SECA (1994)

Um dos principais trabalhos da autora em prosa, a obra conta a história do casal Antônia e Thomaz. O título faz referência a passagem da Bíblia em que Jesus cura milagrosamente um homem de mão seca, condição que representa a incapacidade humana de dar e receber.

MISERERE (2013)

Neste seu livro mais recente, antes que a autora entrasse num "deserto criativo", Adélia Prado reúne 38 poemas que articulam lembranças de infância, o desejo de desfrutar o presente e incertezas quanto ao futuro.

Colecionando fãs ao redor do mundo, o fenômeno “Querido Evan Hansen” chega ao país pela primeira vez com toda sua emoção e impacto, unindo cultura e responsabilidade social em cima do palco. Com concepção e direção original de Tadeu Aguiar, direção musical de Liliane Secco e produção geral de Renata Borges Pimenta e Eduardo Bakr, o espetáculo está em cartaz no Teatro Multiplan. Aguiar assina também a tradução do musical.

“Querido Evan Hansen” conta a história de Evan, um estudante que enfrenta transtorno de ansiedade e se sente invisível entre seus colegas, até que uma pequena mentira o coloca no centro das atenções, levando-o a uma jornada de auto-descoberta e redenção.

Através dessa narrativa, o musical aborda questões fundamentais da saúde mental dos jovens, incluindo fobia social, depressão, bullying, a pressão da vida virtual, relações afetivas, a importância do pertencimento, e a necessidade do apoio emocional no ambiente familiar e escolar.

Escrito por Steven Lenson e com músicas e letras de Benj Pasek e Justin Paul, dupla de compositores de sucessos como “La La Land”, “O Rei do Show” e “Aladdin”, a montagem chegou à Broadway em 2016, conquistando seis prêmios Tony, além do Grammy de melhor Álbum de Teatro Musical, o prêmio Laurence Olivier de Melhor Musical e um Emmy, tornando-se uma verdadeira potência cultural e social entre jovens e adultos dos países que já receberam a montagem, a exemplo de Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Argentina, Finlândia, Israel, Austrália, Alemanha e República Tcheca.

Resultado da boa aceitação do espetáculo, saído da mente criativa de Benj Pasek e Justin Paul, após lerem uma notícia sobre um estudante que cometeu suicídio e deixou para trás uma série de cartas que pareciam indicar que ele tinha uma amizade com outra pessoa - e que, na verdade, não existia -, a dupla, que usou de suas próprias experiências no ensino médio e



‘Querido Evan Hansen’ conta a história de um estudante que enfrenta transtorno de ansiedade e se sente invisível entre seus colegas

Lidar com os altos e baixos da vida

Sucesso mundial e adaptado para o cinema, o musical ‘Querido Evan Hansen’ fica em cartaz até domingo no Rio

universidade, além de histórias reais de pessoas que lutaram contra problemas de saúde mental, para criar a famosa narrativa do musical,

viu o sucesso dos palcos ganhar as páginas e virar livro, em 2017.

Já em 2021, uma adaptação cinematográfica lançada pela Universal Pictures e dirigida por Stephen Chbosky chegou às telas, estrelando Ben Platt reprisando seu papel como Evan Hansen, ao lado de nomes consagrados do cinema como Amy Adams e Julianne Moore.

A saúde mental dos jovens é uma preocupação crescente e global, com muitos enfrentando uma variedade de desafios únicos em um mundo cada vez mais complexo e exigente, a falta de diálogo aberto e apoio emocional dentro de muitas famílias pode agravar os sintomas de depressão e ansiedade, enquanto a pressão social e acadêmica, juntamente com os dilemas da vida adulta, contribuem para um ambiente

intimidador para os jovens.

Para enfrentar os altos e baixos da vida, é crucial que todos tenham acesso a recursos de suporte, incluindo aconselhamento psicológico, grupos de apoio e programas educacionais sobre saúde mental. Além disso, é fundamental promover uma mudança cultural em relação ao tema, ampliando a possibilidade de diálogo e incentivando a abertura, compreensão e aceitação.

“A arte, incluindo o teatro, desempenha um papel poderoso acerca da saúde mental dos jovens, servindo por vezes como ponte para explorar questões difíceis de uma maneira emocionante e acessível. “Querido Evan Hansen” é um exemplo inspirador de como a ficção pode inspirar conversas reais e significativas, oferecendo apoio

por meio de uma mensagem de esperança e resiliência através da empatia, compreensão e apoio mútuo, criando um mundo onde todos se sintam vistos, ouvidos e amados”, destaca Tadeu Aguiar.

A montagem, que ficou conhecida com a interpretação de Ben Platt no papel-título, no Brasil será estrelada por Gab Lara, que vive seu primeiro protagonista e divide o palco com Vanessa Gerbelli (Heidi Hansen), Mouhamed Harfouch (Larry Murphy), Flavia Santana (Cynthia Murphy), Hugo Bonemer (Connor Murphy), Thati Lopes (Zoe Murphy), Gui Figueiredo (Jared Kleinman) e Tati Christine (Alana Beck).

Já no time criativo, a direção de movimento e coreografias são de Suely Guerra, a cenografia ficou a cargo de Natália Lana, os figurinos de Ney Madeira e Dani Vidal, o design de luz de Dani Sanchez, o design de som de Gabriel D’Angelo e o conteúdo/ imagens são da Agência Control+.

SERVIÇO

QUERIDO EVAN HANSEN
Teatro Multiplan - VillageMall
(Av. das Américas, 3900 - Piso S1 - Barra da Tijuca)
Até 7/7, quinta e sexta (20h),
sábado (18h) e domingo (16h)
Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 350

Série de máfia com Sylvester Stallone ganha uma segunda temporada com a promessa de virar um novo 'A Família Soprano' e dá mais visibilidade à plataforma Paramount+

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A espera de tela para “Armored”, thriller sobre um segurança de transporte de valores em luta para resguardar seu carro-forte de assaltantes, Sylvester Stallone tem um reencontro marcado com seus fãs no dia 15 de setembro, data de estreia da nova temporada de um de seus êxitos recentes: a série “Tulsa King”.

No fim de 2022, a Paramount Plus ampliou seu já regado cardápio audiovisual, aberto aqui com “Yellowstone” (seriado responsável por repaginar a carreira de Kevin Costner), ao adicionar o eterno Rocky Balboa a suas fileiras.

Aos 77 anos, Stallone (dublado aqui por Luiz Feier Motta) farejou nas plataformas digitais um veio para assegurar longevidade à sua trajetória pop. Há cerca de dois anos, lançou o filme “Samaritano” na Amazon Prime – no qual vive um gari que esconde possuir superpoderes – e embarcou em um contrato com streaming da Paramount onde brilha também no reality “A Família Stallone”. Esse streaming tem Costner; conta com “Top Gun: Maverick” (maior sucesso de bilheteria de 2022, com US\$ 1,5 bilhão em sua receita); e dispõe de um faroeste com Helen Mirren e Harrison Ford, o western serializado “1923”. Stallone foi se juntar a esse bonde para destronar a concorrência.

“Quando a imagem que construímos no cinema está mesclada a grifes, como Rocky ou Rambo, a gente precisa estar aberto a reinvenções, ou a nossa carreira fica estagnada”, disse Stallone ao Correio da Manhã quando lançou “Samaritano”. “Venho interpretando personagens de carne e osso que não se en-



Dwight Manfredi (Stallone) volta a abalar os calcanhares da máfia na nova temporada de ‘Tulsa King’

‘Tulsa King’ parte dois, a revanche

caixam nos padrões da realidade que conhecemos, por mais humanos que sejam. Sou sempre o sujeito fora da curva que não pode evitar a sina do altruísmo. A questão é que eu cheguei numa idade em que não posso mais interpretar Rambo do modo que eu fazia lá pelos meus 30 anos. Preciso honrar e respeitar a idade que tenho”.

Não por acaso, um dos melhores diálogos de “Tulsa King” é a conversa entre o personagem de Stallone, o gângster Dwight “O General” Manfredi e uma agente federal quarentona, Stacy (Andrea Savage), no qual ela, após uma transa acalorada, assusta-se ao saber a idade dele. Dwight pergunta: “Qual foi o problema? É o nosso gap geracional?”. E ela: “Não é um gap, é um cânion”. A nova fase de episódios traz Stacy de volta e os demais personagens que integram a batalha de Dwight contra os gângsteres a quem, um dia, ele serviu.

Integrante do elenco de “Bananas” (1973), de Woody Allen, do qual quase foi descartado por não parecer ameaçador o suficiente, Stallone traz situações hilárias para “Tulsa King”, ainda que o foco da trama seja a violência. A brutalidade é inerente ao trabalho de um gângster grisalho que precisa criar uma célula criminosa do zero numa cidadezinha do interior, onde a maconha é legalizada e o único perigo é uma gangue de motoqueiros. “Não existe pesadelo maior para um ser humano do que a derrota”, disse Stallone, numa referência à resiliência que sempre marca seus personagens.

Taylor Sheridan, responsável pelo sucesso do já citado “Yellowstone”, é um dos criadores de “Tulsa King”, que tem Terence Winter (de “A Família Soprano”) à frente do roteiro e da concepção de um universo de famílias mafiosas repletas de pecados. A agilíssima direção é de Allen Coulter (de “Ray Donovan” e do

filme “Hollywoodland”), que entende com precisão a persona de Stallone e o que ele simboliza historicamente. É o que se percebe na maneira como o cineasta recria o ethos de “exército de um homem só” muitas vezes encarnado pelo ator, traduzido no tom de empatia e de retidão plena de Dwight. A que ele sente em relação à ausência que se encarceramento deixou na vida da filha, Tina (Tatiana Zappardino).

Durão inquebrantável, Dwight passou 25 anos encarcerado e sai da cadeia com a missão de erguer uma facção da máfia em Tulsa, encarando uma realidade social diferente daquela em que se configurou como um criminoso assustador, em Nova York. Ele se depara com figuras com visual de caubói, com botas de couro de jacaré. E é ali que precisa se reerguer, tendo como aliados um taxista (Jay Will), um dono de bar (Garrett Hedlund, perfeito em cena) e um assassino aposentado (Max Casella). Duas estrelas dos anos 1990, há tempos sem destaque, regressam aos holofotes na companhia de Stallone: Annabella Sciorra (que foi colega do ator em “CopLand”) e Dana Delany. A primeira vive a irmã de Dwight e a segunda é a vilã Margaret.

Houve um erro crasso da Paramount na dublagem inicial de “Tulsa King”, que foi não escalar o já citado Luiz Feier Motta, a voz oficial de Sylvester no país desde 1993. Mas reclamações dos fãs trouxeram o locutor e dublador gaúcho de volta.

Uma nova possibilidade para ‘Missão Impossível’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Estrear na Netflix deu outro ânimo a “Missão: Impossível - Acerto de Contas - Parte 1” (“Mission: Impossible - Dead Reckoning Part One”), que ganhou uma sobrevida ao ser indicado a dois Oscars (Melhor Som e Melhores Efeitos Visuais), em janeiro, elevando o cacife de um filme que impressionou a crítica, mas faturou menos do que o esperado.

Sua presença no mais popular dos streamings hoje amplia sua audiência e exponencia sua fama. Coerção da franquia, Tom Cruise, seu protagonista e produtor, chegou a adiar a parte dois, hoje esperada para 2025, alegando que contratempos inerentes às graves dos sindicatos de atrizes/atores e de roteiristas prejudicou o cronograma.

O fato é que os US\$ 567 milhões arrecadados pela parte sete de uma saga iniciada em 1996 ficaram aquém do esperado pelos exibidores. A colisão com “Barbenheimer” – o lançamento casado de “Barbie” e de “Oppenheimer” – esvaziou as salas onde Cruise esperava reinar soberano. Mas, o prestígio que ele alcançou com o regresso do agente Ethan Hunt é inexorável, e, com a chegada ao streaming, o longa vê seu cacife subir.

É uma brilhante revisão dos códigos das narrativas de espões. Foi a Guerra Fria, entre os anos de 1950 e 1980, que transformou o ofício por vezes “oficioso” da espionagem em um gênero cinematográfico de viés pop, seja por trilhas de tons super-heróicos (caso de “007”) ou por caminhos existencialistas (o oscarizado “A Vida dos Outros” ou o ganhador da Palma de Ouro de 1974, “A Conversação”). Esse veio sempre explorou bem os feitos de pessoas

Apesar de sua bilheteria não ter correspondido ao que Tom Cruise esperava, o novo longa da franquia ganha nova audiência na grade da Netflix



Divulgação

Tom Cruise luta com Esai Morales numa das sequências de maior risco do último ‘Missão Impossível’

invisíveis infiltradas em espaços onde chegam como parasitas.

O parasitismo é uma sensação já há muito superada por Ethan Hunt, um mestre em disfarces encarnado por Tom Cruise há 28 anos. Ele só não supera o fato de não conseguir proteger as pessoas à sua volta como deveria e gostaria, no empenho de dar ao mundo a segurança adequada.

Desde 2006, quando J.J. Abrams dirigiu o terceiro capítulo da franquia “Missão: Impossível” – título usado para designar a agência secretíssima da qual o personagem é o principal operativo –, Ethan sente o peso desse fardo, incapaz de sublimar a arte da perda.

A beleza de “Acerto de Contas

- Parte 1”, além de todo o arrojo técnico de sua narrativa, é saber explorar as camadas mais íntimas de um homem que salvou o mundo muitas vezes, sacrificando muito de si para isso. De toda a cineastria, este sétimo episódio, filmado em meio à pandemia, ao custo de US\$ 290 milhões, é o que mais se aproxima da exuberância (e do humanismo) do primeiro filme, que teve um diretor autoralíssimo, Brian De Palma, como condutor.

Quem conduz as peripécias de Cruise (em impecável atuação, bem

dublada aqui por Philippe Maia) é Christopher McQuarrie, um cineasta em formação, que, ao contrário do magistral De Palma, vem da palavra, da força da escrita, tendo conquistado o Oscar de Melhor Roteiro por “Os Suspeitos”, há três décadas. Ele e o astro trabalham juntos desde o subestimado “Operação Valquíria” (2008) e estiveram juntos no fenômeno popular “Top Gun: Maverick”, em 2022.

Filme a filme os dois travam uma parceria que, na telona, expressa-se a partir de uma investigação do mito do herói, pautada por uma expedição existencial ao que o arquétipo do “vigilante” ou do “guardião” tem de mais doído – e de mais particular –, em meio à for-

ça que os impede.

No roteiro de “Missão” nº 7, há um resquício vivo (e perigoso) do passado de Ethan, o terrorista Gabriel (vivido pelo nova-iorquino de origem porto-riquenha Esai Morales), tentando domesticar uma forma de IA (inteligência artificial) capaz de influir nos sistemas de defesa do mundo. Gabriel parece se encaixar no pior tipo de braço armado do terror que há: aquele que não faz exigências. Isso, aparentemente.

Conhecido por Hollywood desde “La Bamba” (1987), Morales consegue um holofote dos mais luminosos para desfilhar uma vilania que nos assusta, mas traz consigo um grau de humanismo difícil de ser rotulado. Aliás, rótulos dos mais diversos são desfolhados e descartados no trabalho de McQuarrie para colocar em pauta os riscos inerentes à autonomia intelectuais dos sistemas operacionais e para abrir um debate sobre quais são as “agências” reguladores do Mal que agem nas sombras da vida, no jogo da morte. Jogo no qual Ethan – aqui no apogeu de sua evolução dramática – é um craque.

Formalmente, numa edição que se dilata ao longo de duas horas e 43 minutos, o realizador não deixa que nenhum minuto pareça desperdiçado (nem gorduroso), oferecendo ao público combates trincados de adrenalina, desafios às leis da aerodinâmica e uma sequência num trem para ficar para a posteridade.

Em tempos pós “John Wick”, quando a saga estrelada por Keanu Reeves devolveu ao audiovisual o sabor da cinemática (o movimento puro), Cruise se adapta como ninguém às demandas das novas gerações. Com o carisma a mil, Morales faz de Gabriel um vilão antológico.

Veramente molto italiano

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Olhar para lua, ver o Cristo, apreciar as pistas de corrida, sentir o ar fresco da noite. Esses fatores fariam de qualquer lugar um programa legal. Agora junte a isso um ambiente lindo, madeiras verdes, uma comida italiana clássica de prima, uma carta de vinhos rara de se encontrar, coquetéis e atendimento excepcional...

Mamma Mia! Assim é a CasaCamolese, renovada depois de seis anos, com um cardápio de clássicos e paisagismo de Gigi Barreto.

Fomos recebidas de forma nobre, como na Bota, por Renato Neves, o doublé de gerente e sommelier, tendo sido eleito em 2019, o melhor do Brasil. Nos aconselhou os vinhos e nos fez o percurso de uma noite italiana. Começamos pelos arancini, bolinho de arroz arbóreo frito recheado com mussarela, trufas negras e maionese especial. A maionese é leve, com sabor que não briga com a massa frita, crocante e o recheio que derrete.

CRÍTICA / RESTAURANTE / CASA CAMOLESE

Tomás Rangel/Divulgação



Tortelli di Manzo al Funghi, como nas regiões da Lombardia, Emilia-Romagna e Toscana

As bruschettas de presunto cru e brie, com geleia de damasco, queijo, sob uma fatia de pão artesanal são as favoritas da amiga Denise Mortati, expert em comida italiana, pelas razões óbvias. O queijo desmanchando no ponto certo, a geleia para dar a mistura e presunto na espessura correta. Com vinho branco gelado, só acertos.

De principal, o chefe Jessé Valentim - que acumula passagens por importantes restaurantes do Rio, como Gero, D'Amici, além ter vivido anos na Itália, fez a melhor escolha: torteli di manzo al funghi - massa recheada com filé mignon desfiado e servida com cogumelos frescos. A massa recheada, tradicionalmente feita nas regiões da Lombardia, Emilia-Romanha e Toscana, veio como molho espesso e aquele ponto que se pode cortar com a colher de macia, sem estar mole.

Agora há que se destacar o atendimento do Emerson, sempre presente, conversando, com um cuidado especialíssimo. E especial é a Caipirinha de caju, com o doce feito na casa com a receita da vovó; o Bolo molhado de chocolate com calda de brigadeiro e creme inglês; aspizzas; a excelente programação do Manouche. Como foi especial a nossa noite.

SERVIÇO

CASA CAMOLESE

Rua Jardim Botânico, 983

De segunda a quinta (12h às 23h), sextas e sábados (12h à 1h) e domingos (12h às 19h)

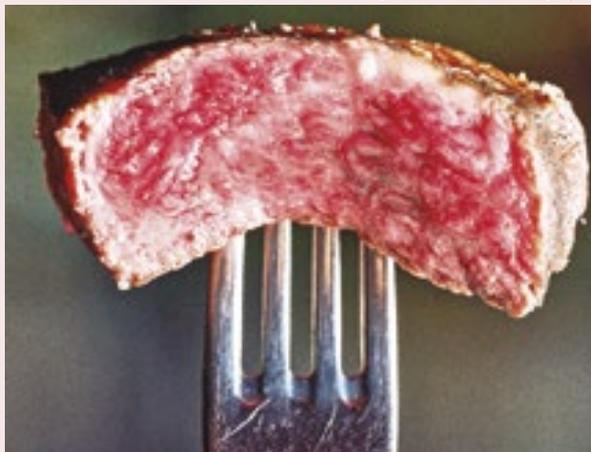
NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Novos cortes do Cortés

O Cortés Asador, no Shopping Leblon, completa 10 anos e terá um ano cheio de surpresas, começando com novos cortes de Wagyu em versões individuais: ancho, o começo do contra filé; chorizo, parte do contrafilé com borda de gordura externa; e o Denver Steak, extraído do dianteiro do boi. A chef Dani França Pinto e o consultor de carnes Flávio Saldanha apostam na cozinha de fusão, com influência da rica cozinha brasileira, apresentando um cardápio de excelência, do campo até a apresentação dos cortes na mesa.

Iago Fundaro/Divulgação



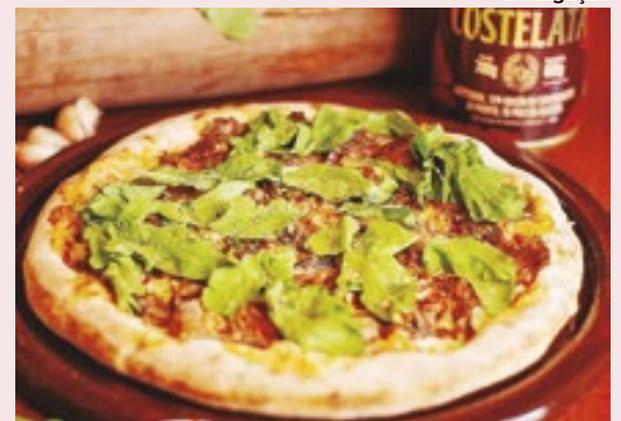
Divulgação



Da terra, do mar e do ar

A Casa das Meninas, a primeira charcutaria artesanal terroir de Paraty, é também um misto de delicatessen e bar de Tapas. As sócias Anna Paula Barreto e Maria Cláudia Franca preparam ótimos curados, maturados, fermentados, defumados de porco, de boi e de peixes e frutos do mar. Os do mar são muito criativos: Lula defumada, Salame de Atum, Mexilhões defumados, Tainha maturada em beterraba e cachaça e Polvo com garum e folhas da horta com azeite. Há ainda um leque de produtos harmonizados com chutneys, geleias e antepastos.

Divulgação



Menu turbinado

A rede de pizzarias Forno Rio celebra 25 anos com inovações para seus clientes. A marca fechou parceria exclusiva com a Costelata e criou três novos sabores para turbinar o cardápio. As três novas combinações exclusivas são perfeitas para os apreciadores de uma boa pizza. São elas: Costela Delicata (mozzarella, costela desfiada Costelata, requeijão cremoso, pimenta biquinho e alho frito), Costela do Chef (requeijão cremoso, costela desfiada Costelata, tomate cereja e alho-poró) e Costela Real (mozzarella como base, pimenta biquinho e rúcula).